

Amadeu de Freitas e os mistérios de “Lesboa”

FERNANDO CUROPOS
Sorbonne Université

Resumo

Os anos 1919-1939 são considerados como os anos dourados da cultura homossexual na Europa ocidental. Em Portugal, sê-lo-ão de maneira relativa, devido à paulatina chegada ao poder das forças reacionárias do Estado Novo. Embora já houvesse, em Lisboa, uma subcultura homossexual visível, a cena lésbica continuava fechada entre quatro paredes. Contudo, há muito que as lésbicas eram objeto de fantasmas e os autores dos Anos Loucos darão continuidade às fantasias eróticas finisseculares. Amadeu de Freitas não será o único a escrever sobre o tema mas será com certeza o primeiro a apontar para a realidade de uma comunidade lésbica em Lisboa. Com efeito, o seu romance *A Mulher Redimida* (1938) pode ser considerado como um verdadeiro romance *à clef* no qual encena a vida de mulheres do Portugal da época, praticando assim um verdadeiro *outing*.

Palavras-chave: Amadeu de Freitas, lesbianismo, história da homossexualidade em Portugal, feminismo português, Virgínia Vitorino, Maria Olga de Morais Sarmiento

Apesar de os médicos portugueses de finais de oitocentos, na senda do que acontecia lá fora, se interessarem também pela homossexualidade feminina, como aponta Adelino Silva em *A Inversão Sexual*, primeira obra publicada em Portugal totalmente dedicada ao tema:

[...] a pesquisa de observações neste campo é difícil, poucos dados possuímos para balizar as nossas conclusões. [...] A homossexualidade da mulher existe, [...] e se não temos factos nítidos para comprová-lo, é unicamente pelo próprio pudor do sexo fraco, que se opõe à confissão dos seus vícios.” (Silva 1895:279)

Os comentários e as conclusões dos médicos portugueses coevos sobre o lesbianismo não passam afinal de um pálido resumo dos autores de referência sobre o assunto, franceses na maioria, mas também alemães e italianos, médicos psiquiatras que os burgueses – os únicos com poder aquisitivo e um nível de literacia suficiente para entender tal discurso – já podiam ler na língua de Camões no dealbar do século XX em coleções mais ou menos científicas (Curopos 2019a:141-146).

O primeiro casal lésbico a dar que falar em terras lusas será o da jornalista Virgínia Quaresma (1882-1973) e da poetisa luso-brasileira Maria da Cunha Zorro (1873 ?- 1917) (Almeida 2010:113-115) que, para porem termo aos boatos, partem para o Brasil em 1912, onde Maria da Cunha vem a falecer em 1917:

Quem não conheceu, em Portugal e Brasil, uma senhora que se tornou notável no nosso meio literário e não teria ouvido a narração duma ou outra aventura *amorosa* com suas amigas e discípulas? Deixemos na paz do sepulcro essa desditosa que com a sua vida pagou seus erros. (Alegitim s.d.:131)

Diga-se de passagem que a jornalista e escritora feminista Guiomar Torresão (1844-1898), que assinava os seus artigos com o pseudónimo de Gabriel Cláudio, já tinha sido vítima de boatos lesbofóbicos, primeira ocorrência heterossexista em Portugal visando uma feminista:

Desde muito novo que eu tinha sempre ouvido falar dos amores lésbicos, isto é, de afeições carnavais entre mulheres, sem que o meu cérebro pudesse abranger perfeitamente tal monstruosidade voluptuosa.

Eu dava tratos à memória e à fantasia, cismando em como diabo podia haver possibilidade de uma mulher se apaixonar, e ainda mais, de gozar com outra, essas incomparáveis delícias de luxúria, que a própria natureza não soube edificar senão com dois sexos diferentes.

[...]

Li a história de Sapho, e em todos os versos que a mesma Sapho deu à humanidade como legado do seu talento e estro inspirador, não descobri coisa que me satisfizesse sobre o assunto; estudei a fundo as teorias de Gabriel Cláudio¹ sobre o amor entre o mesmo sexo, li as histórias das cortesãs gregas eméritas nos jogos lésbicos, admirei as depravações conventuais, mas nada, nada me satisfazia completamente as minhas aspirações de artista e a minha curiosidade de homem, sobre este assunto tão vulgar mas que só a observação da prática me deixaria plenamente convencido. (Rabelais s.d. [1886]:5-6)

É sem dúvida para fugir aos boatos e aos “preconceitos portugueses” (Silveira 1948:235), como indicado por ela nas suas memórias, que a escritora proto-feminista Maria Olga de Moraes Sarmiento da Silveira (1881-1948), amiga de Virgínia Quaresma, se instala em Paris ainda durante a Primeira Guerra Mundial, algo muito invulgar tendo em conta a situação geopolítica. É na cidade luz que irá encontrar a baronesa Hélène de Zuylen (1863-1947), a última companheira de Renée Vivien (1877-1909). Vivien foi, junto com Natalie Clifford Barney (18676-1972), uma das primeiras escritoras de língua francesa a escrever uma poesia abertamente *queer*. A vida dessas duas mulheres, iniciadoras de uma verdadeira cultura lésbica no Paris da Belle Époque, também era conhecida em Portugal (Curopos 2017:119-129). Olga de Moraes já tinha sido precedida por outra dissidente sexual, Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945), também ela escritora proto-feminista, divorciada e mãe de três filhos (Curopos 2019a:120-132). É no meio *queer* parisiense ligado às artes que Virgínia de Castro, pioneira do cinema

¹ Assim que Torresão começa a divulgar um discurso feminista em Portugal, é taxada de lésbica. Embora não se lhe conheça nenhuma aventura no feminino – era solteira e vivia em casa da irmã, casada – na revista satírica *O António Maria*, Rafael Bordalo Pinheiro insinua que é lésbica, um boato que se há de espalhar na Lisboa finissecular: “ Sobre se a cólera é macho ou fêmea. // Gabriel Cláudio: — O tal cólera / Dizem que é fêmea; oh, se fosse, / Que afeto tão doce / Lhe dera no peito meu...” *O António Maria*, 24 de julho de 1884, p. 238.

português, irá encontrar a sua companheira, a escultora inglesa Pamela Boden (1904-1979).

Contudo, na Lisboa dos anos 1920, começa a emergir uma comunidade lésbica no seio da elite cultural de que são exemplo a pianista e crítica musical Francine Benoît (1894-1990), a bailarina Corina Freire (1897-1975), a escultora Ana de Gonta Colaço (1903-1954), a pintora Maria Adelaide Lima Cruz (1908-1885) ou a poetisa Virgínia Vitorino (1895-1967). Embora muito discretas, para não terem que sofrer a devassa pública de que foi alvo a poetisa Judith Teixeira aquando do episódio da “literatura de Sodoma” (Curopos 2019a:79-100), a intimidade de Vitorino com Olga de Moraes começa, ela também, a dar que falar. A amizade entre as duas mulheres será objeto de um romance *à clef*, *A Mulher Redimida*², do jornalista e escritor de direita Amadeu de Freitas, obra que concentra todos os chavões da literatura lesbofóbica: lésbica sedutora de meia-idade, jovem ingénua seduzida, professora perversa, lésbica maquiavélica.

A jovem seduzida é Helena Maria, fatalmente “loir[a] e branca, de olho[s] azu[is]” (p. 7), uma pobre órfã minhota a viver em casa da irmã que a maltrata, recolhida pouco tempo depois de começar a ação do romance “pela ‘ti-Ana Jaquina’, uma boa mulher, casada e sem filhos” (p. 17). Quem conseguiu salvar a jovem das garras da malvada e leviana irmã, tal príncipe encantado, foi José Augusto, um adolescente a viver na aldeia mas prestes a “entrar na Casa Pia” (p. 37) de Lisboa, para continuar os estudos.

Decorridos dois meses, Helena Maria passa para a

[...] casa das senhoras Lima, duas tias ricas e uma sobrinha morena e bonita, franzina, com aspeto de tísica, temente a Deus sem convicção íntima, a fingir de aspirante a freira. Trataram-na muito bem, ensinaram-na a ler, fizeram-lhe decorar o catecismo, deram-lhe cama fofa e branca, um quarto alegre [...]. Vivia como uma criança rica, mimada, beijada, trajando como a menina Elisa, a morena triste”. (p. 39)

Ora, a menina Elisa parece olvidar a tristeza junto da

[...] senhora Augustinha, uma viúva quase quarentona mas bonita a valer, ruiva e alta, de riscos azulados e profundos a emoldurarem dois admiráveis olhos escuros [...]. Era antiga, aquela amizade entre a menina Elisa de a D. Augustinha, pois nascera, havia já alguns anos, quando a viúva se começou a dar mal com o marido e tinha sido, para o triste abandono da loira [...], um verdadeiro lenitivo. [...] Depois, morto o pobre capitalista “brasileiro”, [...] aquela amizade mais forte e mais íntima se tornou, a ponto da Elisinha passar largas temporadas no palacete”. (p. 40-41)

Já não se trata aqui de uma simples amizade romântica no meio rural, à Júlio Dinis, mas sim de amores lésbicos que só o narratário poderá entender. Pois, a descrição acontece do ponto de vista de Helena Maria, a lembrar a ingenuidade do

² Freitas, Amadeu de (1938), *A Mulher Redimida*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. Indicamos doravante o número da página no corpo do texto.

personagem da freira Suzanne, no romance de temática sáfica de Denis Diderot (1713-1784), *La Religieuse* (1796):

A Helena Maria já sabia. Elas principiavam a conversar em voz alta [...]. A pouco e pouco, a conversa mudava de rumo, voltavam-se uma para a outra e começavam a elogiar, com ardentes frases, a mútua beleza – os olhos, as covinhas das faces, os cabelos, a arte com que pintavam as unhas, o pescoço, os seios, a largura das ancas. Aproximavam-se, encostavam-se e passavam em cruz os braços pelas costas [...].

A Augustinha, mais audaciosa, mais ardente na conversação, de mais forte temperamento, puxava a outra e [...] a Elisa [...] deixava fugir uns aisinhas prolongados e perturbadores. Depois, mandavam a Helena Maria para o jardim. (p. 43-44)

No entanto, nem sempre o percurso de vida dos casais lésbicos acaba mal. Com efeito, “dois anos passados, [...] morreram as senhoras Lima. [...] Elisa abandonou a casa, [...] e foi refugiar-se no Ribeirinho, acolhendo-se, para se consolar, aos braços da amiga. Helena Maria lá esteve, também, uns dias, mas, ao que parece, classificaram-na de estorvo”. (p. 44-45).

D. Augustinha, para se livrar do “estorvo”, decide enviar Helena Maria para Lisboa, aos cuidados de uma amiga sua, a “Sr^a. D. Teresa Seabra, diretora do *Mundo Feminino* e pessoa muito influente na alta sociedade” (p. 65). O título foi escolhido a preceito pelo autor por lembrar a revista feminista *Alma Feminina*, de que Virgínia Quaresma tinha sido redatora e na qual Olga de Moraes chegou a publicar nos anos 1907-1908 (Esteves 2001:93-94).

A benévola D. Teresa envia a jovem para um asilo feminino a fim de aprimorar a sua educação. Como era de esperar num romance de temática sáfica, o asilo dirigido por freiras também é um lugar de perversão. Mas sendo o autor católico a escrever durante o Estado Novo, nada de amores lésbicos freiráticos. Neste caso, a perversão vem de fora, na pessoa de “D. Susana, a formosa professora que, dois meses antes, entrara para o asilo” (p. 76). A professora, “bonita, franzina, de grandes olheiras e modos bruscos e superiores” (p. 76) desperta em Helena Maria um fascínio e uma atração que a jovem inexperiente não entende: “Angustiada, sufocada, vendo-se à beira de um abismo desconhecido, que adivinhava, a rapariga perguntou a si própria: Que é isto? Que é isto?” (p. 77).

Aos dezassete anos, já fora do asilo e a viver no palacete de D. Teresa, continua sem perceber que caiu num ninho de lésbicas malvadas, todas elas atraídas pela sua formosura, juventude e encantos físicos:

Era feliz, sim, verdadeira, autenticamente feliz, pequena rainha adulada, incensada a toda a hora – Que linda! Que maravilha da Criação! Que formosura! – ouvindo, momento a momento, os elogios e as homenagens daquela corte de mulheres distintas, que passavam a vida na redação da revista ou nos salões doirados de D. Teresa. (p. 87)

Helena Maria passa a ser objeto de desejo e de cobiça desse grupo de mulheres: “Todas elas albergavam, muito escondido, o mesmo sonho, a ponto de se odiarem umas às outras, como caçadores no matagal à caça do mesmo coelho, com uma

diabólica vontade de se exterminarem, de se matarem, se preciso fosse, para que ficasse uma só [...] frente a frente com a rainha." (p. 89). Mas a ingénua rapariga continua "sem perceber patavina" (p. 89):

- Todas gostam muito de ti, minha filha, mas só eu tenho o prazer de entrar aqui e de te ajudar a vestir e a perfumar... E é quanto me basta, sabes?
- Não percebo bem, sr^a. D. Teresa...
- Ora, não percebes!... (p. 92)

Se Helena Maria, "apresentada ao público nas páginas em papel *couché* do *Mundo Feminino*, como poetisa ilustre" (p. 91), já a trabalhar para a revista "como tradutora de artigos da *Marie Claire*" (p. 87), não entende toda a solicitude de D. Teresa, também não percebe a das outras colaboradoras, "jiboias", no dizer da sua antiga professora e agora amiga diletta:

- São umas jiboias, umas maldosas, que não podem tolerar a tua amizade por mim, a nossa amizade, filha...
- Pois é... Mas porque será, Suzana?
- Coisas de velhas, minha filha... (p. 95)

Se essas mulheres têm ciúmes umas das outras, os mesmos acentuam-se quando Susana e D. Teresa se apercebem de que José Augusto procura rever a sua conterrânea: "D. Teresa, que olhou a rua, viu o José Augusto e, percebendo tudo, perdeu a noção das conveniências a ponto de puxar a Helena Maria pelos cabelos, levando-a para dentro aos berros" (p. 110). Com medo de que a presa lhe escape, a riquíssima D. Teresa oferece-lhe uma viagem de sonho, de modo a afastá-la dos perigos másculos. Permanecer em Lisboa seria demasiado arriscado por a inocente rapariga sentir despertar nela uma "paixão" pelo rapaz que tão bem a tratou:

- Não gostavas?
 - De quê?
 - De ir a Paris...
 - Oh! Que sonho, quem me dera!
- [...] uma bela tarde, D. Teresa, imponente e orgulhosa, com o seu cabelo aparado à inglesa curto, a sua enorme boquilha de âmbar e o seu casaco "género alfaiate", feito de fazenda própria para sobretudo de homem, lá foi no *Sud*, com Helena Maria, a caminho de Paris. (p. 121-122)

Esse sonho, entre outros, foi o que na realidade Olga de Moraes Sarmiento proporcionou a Virgínia Vitorino, como a própria confessa publicamente aquando de uma viagem à Itália: "Olga de Moraes Sarmiento, a grande amiga [...] a cujo coração excecional, nunca saberei agradecer bastante as horas de alegria que estou vivendo!" (Vitorino 1922a:3). A partir de 1922, Vitorino passa a frequentar com assiduidade o apartamento da amiga em Paris e trava conhecimento com uma certa elite *queer* transnacional. Fora as estadias na capital francesa, costumavam também viajar juntas, viagens deslumbrantes de que Vitorino fará aliás o relato numas crónicas publicadas no *Diário de Lisboa* entre fevereiro e março de 1922 (Curopos

2019b:249-260). Além das férias na cidade luz, Vitorino também passava muitas temporadas numa casa de veraneio de Olga de Moraes em Hendaye, no país basco. Aliás, a escritora portuguesa foi uma das primeiras a seguir a moda do veraneio nesta zona, em particular em Biarritz, frequentada no verão por uma elite *queer* e por nomes sonantes da época como Madeleine Vionnet, Coco Chanel, Jean Patou, Cristóbal Balenciaga ou Jean Cocteau. No romance, antes de chegar a Paris, D. Teresa e Helena Maria “pararam em Hendaia, ao portão de uma ‘vila’ pequena e simpática, construída em frente do Oceano. [...] Entraram. As criadas, avisadas por telegrama, tinham preparado tudo, incluindo o jantar, de carnes frias e mariscos e esplêndido champanhe” (p. 122-123). É nessa noite que Helena Maria se dá conta da cilada em que caiu: “Aquela velha... Aqueles braços esqueléticos, monstruosos... Horror... Seria do champanhe? Gritou outra vez, outra vez ainda quis gritar, mas a voz afagou-se-lhe na garganta...” (p. 123).

No dia seguinte, sem mais, seguem para Paris, onde permanecem “mês e meio”, um “mês e meio de ventura. *A Opera*, e a *Comédie*, o *Casino* e o *Follies Bergère (sic)*, as noitadas entre boémios e artistas de todos os países, [...] e as reuniões mundanas na avenida Kleber e nas sumptuosas residências das mais variadas e duvidosas princesas russas e não russas” (p. 124-125). Conquanto o apartamento de Olga de Moraes não ficasse na avenida Kleber, situava-se a uns escassos 300 metros, na rua Anatole de la Forge, junto da avenida Foch, onde residia a sua companheira, a baronesa Hélène de Zuylen. De notar que o autor parece retomar um dos relatos de viagem de Virgínia Vitorino, publicado no *Diário de Lisboa* (Vitorino 1922b:3) e no qual a poetisa parece tão “maravilhada com a capital do Mundo” (p. 124) quanto o seu avatar.

O “salon” de Olga de Moraes em Paris era de facto frequentado por toda uma elite cultural e mundana, sendo que, por meio da Baronesa de Zuylen, da família Rothschild, tinha travado conhecimento com algumas das mais notáveis mulheres de sangue azul da época, a princesa Edmond de Polignac, a duquesa Élisabeth de Clermont-Tonnerre³, lésbicas num armário mais do que entreaberto, a princesa Eugénie Murat⁴, bissexual assumida, a condessa Greffulhe, a duquesa de Rohan, a princesa Bibesco Bassaraba de Brancovan, mais conhecida por condessa Anna de Noailles, uma lista à qual poderíamos acrescentar os nomes que a própria indica nas suas memórias: “Outras [festas] poderia referir, como as tardes de música e de deliciosa conversa que reuniam em minha casa a encantadora Princesa Maria de Ligne, a Infante Eulália, a Princesa Armande de Polignac, o Conde de Óbidos (Miguel Murça) e pequenos grupos sempre escolhidos” (Sarmiento 1948:292).

³ Olga de Moraes organizará a vinda de duquesa na capital portuguesa, onde dará duas conferências no Teatro Nacional, em abril de 1934, uma das quais sobre os “Dandys”. Cf. “A Duquesa de Clermont-Tonnerre veio a Lisboa realizar duas conferências”, *Ilustração*, Lisboa, 16 de abril de 1934, p. 8. No retrato ilustrando o artigo, a duquesa aparece com um monóculo, e na fotografia de grupo está acompanhada por Olga de Moraes e Virgínia Vitorino.

⁴ Virgínia Vitorino travou conhecimento com ela em Paris. Cf. Vitorino, Virgínia, “Virgínia Vitorino chega a Lisboa”, *Diário de Lisboa*, 9 de março de 1922, p. 3. Também organizará a sua vinda a Lisboa para dar duas conferências sobre literatura no Teatro Nacional.

Refira-se que Olga de Moraes e Vitorino atuam como *passseurs* culturais, levando a Lisboa mulheres da *intelligentzia* francesa para darem conferências, como é o caso de Lucie Delarue-Mardrus, a princesa Eugénie Murat e a duquesa de Clermont-Tonnerre, todas elas conhecidas no meio cultural parisiense, e não só, pela sua sexualidade não normativa.

No romance, podemos entrever o eco dessas *soirées* mundanas às quais, ao que tudo indica, compareciam poucos homens:

A festarola foi em casa de uma tal princesa [...] Aquilo esteve bom, porque vi lá muitas portuguesas – homens éramos só cinco ou seis – novas e velhas, bonitas e feias. [...] A famosa D. Teresa lá estava com a tua pequena... [...] Enfeitiçou aquela gente... andava-lhes nas palmilhas... Todas a adoravam... [...] A meio da tal reunião puseram-nos, a nós os homens, no meio da rua. (p. 136-138)

Contudo, por muito que D. Teresa Seabra tente despertar em Helena Maria um desejo por ela, não consegue apagar do seu coração as saudades e o amor que sente nascer por José Augusto. Logo, na calada da noite, decide escrever a este príncipe encantado para que venha resgatar “a pomba ca[ída] nas garras do abutre” (p. 128):

Datou e começou a carta: “Meu bom, meu querido José Augusto”.

– Que é isto? Que pouca vergonha vem a ser esta?

Helena Maria voltou-se: Na sua frente estava D. Teresa, hirta, acusadora, com o seu cabelo à inglesa curto e a sua comprida boquilha fumegante. (p. 127)

D. Teresa, “a alma danada da perdição” (p. 139), utiliza então um subterfúgio para prender Helena Maria. Será fácil reconhecer aqui o protótipo da lésbica viciada em drogas, perversa e malvada, que começa a surgir no cinema e na literatura dos Anos Loucos, em todo o mundo ocidental, inclusive em Portugal (Curopos 2019b:152-156):

D. Teresa tirou de uma prateleira uma caixinha de ouro. Abriu-a – e deu-a a cheirar a Helena Maria:

– Não quero, sr^a. D. Teresa...

– Aspira, é bom... Dormirás bem...

A velha venceu a criança... (p. 128)

Regressadas a Lisboa, José Augusto não desiste de salvar Helena Maria das “garras da velha Sapho” (p. 161) e arranja maneira de se encontrar com ela, no jardim do palacete da D. Teresa. Porém, como o próprio confessa, “era difícil arrancá-la” (p. 161), ainda mais por a jovem contrita se achar indigna dele, tal pecadora condenada para todo o sempre: “Pequei, meu bom, meu querido José Augusto, contra Deus, contra esse amor que me consagra, contra mim própria, contra as leis eternas do criador...” (p. 164).

Não foram poucas as precauções para que o encontro pudesse ter lugar. Mas, como é sabido, as lésbicas têm um sexto sentido e D. Teresa dá-se conta que um homem penetrou no seu espaço, o que desperta nela uma fúria tremendíssima:

D. Teresa aguardava-a com a feroz ansiedade do chacal à espera da vítima. [...] A velha avançou lentamente para a rapariga, com aquele ar de poder injusto e infame que tem o carrasco na sala da masmorra [...] e com a mão direita que se lhe crispava, puxou-a pelos cabelos loiros, [...] abanando nervosamente, uma vez, duas vezes, cem vezes aquela cabeça doirada, batendo-lhe nas faces com a outra mão bofetadas sem conta, [...] esmagando-lhe os olhos com sopapos, empurrando-a com a parede com a ajuda dos joelhos, massacrando-a com pancadas, vingando-se [...] como um carroceiro a bater na amante. (p. 167-168)

Como se de um romance gótico *queer* se tratasse, a jovem inocente passa a ser prisioneira de uma horrível megera lésbica que a maltrata e a mantém refém no seu palacete. Drogada, Helena Maria “deixou-se ir, sem uma tentativa de revolta, pelo plano inclinado que a levou ao mundo fácil e risonho. Voltou a ser adulada, admirada, elogiada, pela numerosa corte de senhoras que frequentava a revista.” (p. 180).

“Farta de Lisboa” (p. 181) e “cansada da vida pouco intensa de Lisboa” (p. 180), D. Teresa deseja regressar a Paris. O objetivo é duplo: levá-la “para outra terra onde não [as] conhecem, onde poss[am] passear à vontade” (p. 183), e preparar a estreia de Helena Maria como dramaturga:

Dentro de dois meses voltamos... Far-se-á representar a tua peça...
– A minha peça, Sr^a D. Teresa?
– Sim, pateta... Aquele original que eu comprei a esse desgraçadito do Lima... dá-se-lhe um arranjo, mudam-se os nomes às personagens... Será a tua estreia literária... Depois de poetisa, serás dramaturga, Helena Maria!... (p. 183)

Lembremos que Virgínia Vitorino foi uma das sonetistas mais populares na década de 20 do século passado, tendo publicado três livros, *Namorados* (1921), *Apixonadamente* (1923) e *Renúncia* (1926), sucessos de edição tanto em Portugal quanto no Brasil (Sampaio 2017:47-61). Em 1931, estreia a sua peça *Degredados*, lançando-se na moda do imaginário colonialista muito ao gosto do Estado Novo (Da Silva 2019:107-114), sendo que deixará de escrever poesia para se dedicar exclusivamente ao teatro.

Depois de muitas peripécias e tendo explodido a guerra civil em Espanha, o casal chega a Paris, enquanto José Augusto as procurava em Madrid, numa tentativa gorada para subtrair a amada da “Sapho”, “daquela escritora desvergonhada, arrivista, presunçosa, com *chalet* em Hendaia [...] que defendia como uma leoa ferida o coração [...] daquela mulher divina que adorava.” (p. 289).

Com tantos desgostos, e sem poder escapar “do chacal” (p. 280), a infeliz Helena Maria adocece. Tendo a jovem perdido todos os seus encantos, a “velhaca” D. Teresa quer livrar-se dela, enviando-a para um sanatório: “[...] dentro de dias, ficava, finalmente, livre do ‘empecilho tuberculoso’, como já chamava à doente nas conversas com as pessoas mais velhacas das suas relações.” (p. 299).

Mas, como já era de esperar tendo em conta o horizonte de expectativa do título do romance, *A Mulher Redimida*, ninguém morre e tudo volta à norma sexual;

Helena Maria acaba por casar com o seu príncipe encantado, “frente ao altar de S. Gonçalo” (p. 322) de Amarante. No entanto, note-se que nada acontece à “Sapho” do romance, situação muito invulgar na literatura lesbofóbica da época. Nem uma morte social simbólica virá castigar D. Teresa, pelo que irá continuar a sua vida de lesbica predadora.

Quanto a Olga de Morais Sarmiento, regressa definitivamente a Lisboa no ano da publicação do romance, quando eclode a Segunda Guerra Mundial, levando com ela a companheira, Hélène de Zuylen, judia que salvará dos campos de concentração nos quais milhares de homossexuais e de lesbicas morreram, vítimas de uma homofobia também construída por romances deste tipo.

Bibliografia:

- Alegitim, Heloise (s.d.), *Arte de Ser Formosa: Preceitos, Receitas e Conselhos*. Lisboa: Livraria do Povo.
- Almeida, São José (2010), *Homossexuais no Estado Novo*. Lisboa: Sextante Editora.
- Curopos, Fernando (2017), “Paris-Lesboa: dialogues queers”, in Curopos, Fernando; Silva, Maria Araújo da (orgs.), *Paris, Mário de Sá-Carneiro et les autres*. Paris: Éditions Hispaniques, 119-129.
- Curopos, Fernando (2019a), *Lisbonne 1919-1939: des Années presque Folles*. Paris: L’Harmattan.
- Curopos, Fernando (2019b), “Virgínia Victorino e o Armário Português”, in Lousada, Isabel; Sampaio, Jorge Pereira (orgs.), *Virgínia Victorino na Cena do Tempo*. Alcobaça: ADEPA, 249-260.
- Esteves, João (2001), “Os Primórdios do feminismo em Portugal: a 1ª Década do século XX”, *Penélope: Revista de história e ciências sociais*. 25:87-112.
- Freitas, Amadeu de (1938), *A Mulher Redimida*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia.
- Rabelais [Gallis, Alfredo] (s.d. [1886]), *Tortillas Sem Ovos*. Ilha dos Amores [Lisboa]: Amor & Psyche Editores.
- Sampaio, Jorge Pereira de (2017), “Virgínia Victorino, impacto duma poetisa portuguesa no Brasil”. *Historiæ*, 8(2):47-61.
- Silva, Adelino (1895), *A Inversão Sexual*. Porto: Typographia Gutemberg.
- Silva, Fabio Mario (2019), “Degredados, de Virgínia Victorino, um drama de costumes da alta burguesia portuguesa em África”, in Lousada, Isabel; Sampaio, Jorge Pereira (orgs.), *Virgínia Victorino na Cena do Tempo*. Alcobaça: ADEPA, 107-114.
- Silveira, Maria Olga de Morais Sarmiento (1948), *As Minhas Memórias*. Lisboa: Portugália Editora.
- Vitorino, Virgínia (1922a), “De Lisboa a Nápoles”, *Diário de Lisboa*, 9 de fevereiro, 3.
- Vitorino, Virgínia (1922b), “Virgínia Vitorino chega a Lisboa”, *Diário de Lisboa*, 9 de março, 3.